

A TRÍADE PROFESSOR, INSTRUTOR DE LIBRAS E ALUNO SURDO NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Maria Durciane Oliveira Brito¹

Daisyane Ferreira de Oliveira²

Maria Aurioneida Carvalho Fernandes³

Resumo: A relação pedagógica existente entre professor, instrutor de Libras e aluno surdo inserida no ensino regular da rede pública vem sendo palco de grandes discussões e, também, tem sido abordada a partir de olhares diferenciados no cenário da educação inclusiva. Para isso, procurou-se, no âmbito geral desse trabalho, investigar a relação pedagógica entre professor-instrutor-aluno no contexto de uma sala de aula de escola pública da rede estadual na cidade de Parnaíba. Objetivou-se, mais especificamente, averiguar os direitos, a apropriação e exercício da Língua de Sinais, uso da linguagem oral, as abordagens e métodos diferenciados de ensino, bem como a formação dos profissionais nessa área, estão apresentando resultados satisfatórios para a educação inclusiva. Destarte, a pesquisa foi realizada com base numa fundamentação sólida com base no pensamento de Ferreira (2005), Goldfeld (2002), Mantoan (2003), Lacerda (2008), dentre outros que trabalham a temática aqui levantada com propriedade e clareza. De relevância educacional, esse estudo proporcionou um panorama histórico da inclusão dos surdos, mostrando pontos altos e as fragilidades, no sentido de se tornar um componente de reflexão acerca do objeto de estudo, do contexto dos sujeitos envolvidos nessa aprendizagem, na prática de educadores inclusivos, análise de suas formações e busca de imagem profissional atualizada. Assim o estudo teve o caráter qualitativo, por meio da pesquisa de campo que utilizou o questionário para a produção dos dados, cuja coleta de deu numa escola da rede estadual do município de Parnaíba. Os resultados apresentados demonstram que não existe afinidade entre o trabalho do professor e do instrutor, a necessidade de uma formação contínua e preparação do professor para receber os alunos surdos em sala de aula comum, uma vez que o aluno sem acesso à sua língua, continuará excluído do sistema educacional, porque o acesso à matrícula não se constitui inclusão e o direito à educação.

Palavras-chave: Aluno surdo. Inclusão. Professor. Instrutor de Libras.

Abstract: The educational relationship between teacher, instructor of Brazilian Sign Language and deaf student in the public education teaching has been the scene of great discussions and it has been approached from different perspectives in inclusive education. In order to do this, we sought to investigate the pedagogical relationship between teacher-instructor-student in the context of a public school classroom in Parnaíba. The purpose of this study was to investigate the rights, appropriation and exercise of the Sign Language, the use of oral language, the different approaches and methods of teaching, as well as the training of professionals in this area, are presenting satisfactory results for inclusive education. Therefore, the research based on a solid foundation based on Ferreira (2005), Goldfeld (2002), Mantoan (2003), Lacerda (2008) ideas, and others who work the theme here raised with propriety and clarity. Of educational relevance, this study provided a historical overview of the inclusion of the deaf, showing high points and fragilities, in the sense of becoming a reflection component about the object of study, the context of the subjects involved in this learning, the practice of

¹ Universidade Federal do Piauí – UFPI e-mail: durciane@hotmail.com

² Universidade Federal do Piauí – UFPI e-mail: daisymell@hotmail.com

³ Faculdade Maurício de Nassau – NASSAU e-mail: aurioneida@yahoo.com.br

inclusive educators, analysis of their formations and search of updated professional image. Thus, the study is qualitative, through the field research that used the questionnaire for the production of data, whose collection was given in Parnaíba school. The results show that there is no affinity between of teacher's works and the instructor, the need for continuous training and preparation of the teacher to receive the deaf students in the common classroom, since the student without access to their language, will continue excluded from the educational system, because access to enrollment does not constitute inclusion and the right to education.

Keywords: Deaf student. Inclusion. Teacher. Brazilian Sign Language Instructor

1 Inclusão da criança surda na escola

O processo de inclusão dos surdos passou por diversas fases caracterizadas pela segregação e exclusão deles na sociedade. Na antiguidade essas pessoas eram consideradas débeis mentais, loucos e até incapazes de pensar. Já os sinais utilizados por eles, eram tidos como obscenidades, pecaminosos, até mesmo incorporações espirituais. Na Grécia antiga os surdos não recebiam educação básica e em Roma eram levados à morte.

Mas com o passar do tempo, começaram a surgir professores que desenvolviam trabalhos com os surdos. Destacou-se, primeiramente o Oralismo, seguido pela Comunicação Total e o Bilinguismo. Dentre os professores que se destacaram no mundo pelo interesse no assunto temos: Ivan Pablo Bonet, Espanha; Abbed Charles Miguel de L' Epée, França; Moritz Hill, Alemanha; Gran Bell, nos EUA e OvideDecroly, na Bélgica.

Enquanto ambiente de estudo, a primeira escola para surdos surgiu em 1756, com Miguel de L' Epée, o Instituto Nacional para Surdos-mudos. Ainda em Paris ocorre o I Congresso internacional dos Surdos, liderado por Alexander Gran Bell. Na Itália acontece em 1880 o II Congresso Internacional de Professores Surdos, ali ficou decidido que o método oral deveria receber o status de ser o único método de treinamento adequado para as pessoas surdas.

No Brasil, por sua vez, os estudos regulares iniciaram em 1857 com Imperial Instituto dos Surdos-mudos (hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), criado sob a lei nº 839, assinada por D. Pedro I. Em 1911 o INES adota o “Oralismo Puro” e em 1970 surge aqui a Comunicação Total, trazida pela

professora Ivete Vasconcelos. Com o passar do tempo surgem as políticas públicas tais como a Constituição de 88, a LDB – Lei nº 9394/96, o Plano Nacional de Educação e a Declaração de Salamanca, que vem melhorar o ensino e a inclusão dos surdos. Já a LIBRAS é reconhecida sob a Lei nº 10.436, que a trata como a segunda língua do Brasil.

No que se refere aos métodos existentes, o Bilinguismo é o mais eficiente na inclusão. Segundo Goldefld (2002 pág. 42): “O Bilinguismo tem por pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua dos surdos e, como segunda língua oficial, a de seu país”.

Assim, as duas línguas devem estar disponíveis, simultaneamente, ao aluno surdo dentro do ambiente escolar.

2 Práticas pedagógicas na Educação Inclusiva do estudante surdo

Dentro das transformações que a educação vem sofrendo ao longo do tempo, há alguns problemas e limitações a esse processo de inclusão do surdo, tais como nas práticas pedagógicas que se vem utilizando em sala de aula ao longo do tempo pelos profissionais ali inseridos. Não basta, pois, apenas que ocorram mudanças de nomenclaturas ou de referência de escola. Para que a inclusão se consolide, é preciso mudança profunda no sistema educativo brasileiro em todas as esferas de ensino, para que possa contemplar os anseios de uma comunidade escolar que abarque a todos.

Quando se fala do profissional, o professor do atual sistema de ensino aponta diversas dificuldades em ter um aluno surdo em sua sala de aula. O desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais é uma das maiores dificuldades, sendo visto como obstáculo e menosprezado no processo, sendo subjugado como algo secundário, forçando o aluno surdo a “dominar” outra língua que não é sua, resultando na grande maioria das vezes na defasagem desse aluno. Mas segundo Mantoan (2003, p.44), “quem enfrenta o desafio garante: quando a escola muda de verdade, melhora muito, pois passa a acolher melhor todos os estudantes (até os considerados, “normais”), dessa forma a inclusão propõe uma educação de qualidade para todos.

De acordo com Ferreira (2005, p.43), “a professora com um coração inclusivo, independentemente das condições existentes precárias de seus alunos, busca com sua ação pedagógica criar igualdade de oportunidades para combater a desigualdade existente na sociedade”.

Na contramão desses teóricos está a atual escola, que se diz inclusiva, mas que não se prepara devidamente para receber os mais diversos alunos com suas especificidades e limitações, como é o caso do surdo.

3 O trabalho do professor na Educação Inclusiva

O docente possui um papel importante na inclusão, pois é o elo mais próximo do aluno, aquele que observa, identifica as possíveis dificuldades dos alunos. Muitos, porém, acabam por apontar qualquer dificuldade em um aluno especial por ele ter deficiência, negando que o ato falho possa estar em sua prática e não no aluno. Por esta situação:

Uma metodologia de ensino inclusiva deve ser capaz de garantir que o aluno se sinta motivado para frequentar a escola e participar das atividades na sala de aula, deve possuir qualidade curricular e metodológica, deve identificar barreiras à aprendizagem e planejar formas de removê-las para que cada aluno seja contemplado e respeitado em seu processo de aprendizagem (FERREIRA, 2005, p. 45).

As técnicas e recursos didáticos são, inegavelmente, de fundamental importância na prática docente em relação a alunos especiais, pois facilitam o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, dentro de um ritmo de aprendizagem diferenciado. Mas todos dentro do ambiente escolar devem estar empenhados nesse processo, não apenas o professor, que já deve ter uma boa formação básica, sólida e com formação continuada. O aluno surdo precisa ser cercado de um apoio pedagógico competente no qual possa facilitar sua aprendizagem. Assim, a figura do professor e a relação construída com o aluno surdo podem interferir na aprendizagem, o que se espera que seja de forma positiva.

Damázio (2007), afirma que:

[...] É preciso fornecer meios para que o aluno se sinta realmente incluindo garantindo-lhes o uso dos recursos necessários que necessita para superar as barreiras no processo educacional, usufruindo, assim, de seus direitos escolares e exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios da Constituição Brasileira (p.14).

O surdo, Dorziat (1998, p.24-29) afirma que para esse aluno ser incluído na escola de ensino regular, é imprescindível que se aperfeiçoe em favor dos demais alunos e que os professores conheçam a Língua de Sinais, levando em consideração que a adoção dessa língua simplesmente não é suficiente para escolarizar o aluno com surdez, pois é necessário também que a escola seja estimuladora para todos os discentes. Logo, se aprender uma língua garantisse aprendizado eficaz, o aluno ouvinte não teria problemas na escola.

4 O papel do instrutor de Libras na inclusão do surdo em sala de aula.

O instrutor de Libras exerce, além da instrução, também o papel de educador, uma vez que é o mediador do ensino da Língua Portuguesa (L2) para a Língua de Sinais (L1). Assim, embora não seja ele o professor, seu desempenho no ato de ensinar é de inegável necessidade para o aluno com surdez.

No Brasil, a Lei 12.319/2010 (BRASIL, 2010) regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de LIBRAS, estando habilitado a realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea e proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS e da Língua Portuguesa. Em outros países há até uma diferenciação de nomenclatura para esse interprete: “interprete educacional”, para não ser confundido com outros interpretes, Lacerda (2008, p. 17).

Mas, mesmo não sendo o professor, o interprete vai ser abordado por alunos com questões, comentários e discussões em relação aos tópicos abordados em sala. No entanto, segundo Damázio:

Não cabe ao tradutor/intérprete a tutoria dos alunos com surdez e também é de fundamental importância que o professor e os alunos desenvolvam entre si interações sociais e habilidades comunicativas, de forma direta evitando-se sempre que o aluno com surdez dependa totalmente do intérprete. (Damázio, 2007, p. 33)

O que não impede o interprete de tomar conhecimento do que vai ser tratado em sala de aula, pois isso o tornará mais preparado para exercer sua função com mais destreza.

5 Metodologia

Partindo do pressuposto que pesquisa qualitativa é aquela que “[...] preocupasse com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem” (GONSALVES, 2007, p.69), foi tomada essa linha de estudo, para verificar a relação pedagógica entre professor-instrutor-aluno no contexto de uma sala de aula de escola pública da rede estadual na cidade de Parnaíba.

Primeiramente foram realizadas entrevistas com professor e instrutor da escola. A entrevista foi sinalizada e gravada. No quadro de alunos matriculados há duas alunas com surdez.

Para a realização da coleta, fez-se necessária organização dos instrumentos a serem utilizados por parte dos pesquisadores, e preparo para lidar com potenciais imprevistos que viessem a surgir durante o processo, de modo que a pesquisa não fosse afetada prejudicialmente, pois acreditamos que a coleta de dados é parte essencial de uma pesquisa.

Após o procedimento de coleta de dados, as informações obtidas foram organizadas categoricamente, para que pudessem ser analisadas e discutidas de acordo com a técnica de análise Hermenêutica de Profundidade (HP).

6 Apresentação e discussão dos dados

Esta pesquisa teve a participação de 07 (sete) professores que atuam na rede pública municipal de ensino da cidade de Parnaíba/PI, 16 (dezesesseis) instrutores e 02 (duas) alunas surdas. Assim, para um melhor entendimento, será feita uma apresentação das pessoas da pesquisa através de tabelas ilustrativas, *Tabelas 1, 2 e 3*, a serem expostas a seguir.

TABELA 1: PERFIL SÓCIODEMOGRÁFICO DOS PROFESSORES

| PROFESSOR | IDADE | AREA DE ATUAÇÃO | AREA DE FORMACAO | ESCOLARIDADE | TEMPO DE EXPERIENCIA |
|-----------|---------|------------------|--------------------------------|-------------------|----------------------|
| A | 39 ANOS | LETRAS PORTUGUÊS | LETRAS PORTUGUÊS | GRADUANDA | 18 ANOS |
| B | 35 ANOS | MATEMATICA | MATEMATICA | SUPERIOR COMPLETO | 14 ANOS |
| C | 49 ANOS | BIOLOGIA | BIOLOGIA | PÓS GRADUADA | 20 ANOS |
| D | 53 ANOS | GEOGRAFIA | GEOGRAFIA | SUPERIOR COMPLETO | 28 ANOS |
| E | 49 ANOS | HISTORIA | HISTORIA | PÓS GRADUADA | 29 ANOS |
| F | 32 ANOS | EDUCAÇÃO FISICA | EDUCAÇÃO FISICA E FISIOTERAPIA | MESTRANDA | 12 ANOS |

Fonte: Banco de dados Pesquisadores, Parnaíba, 2015.

TABELA 2: PERFIL SÓCIODEMOGRÁFICO DOS INSTRUTORES DE LIBRAS

| INSTRUTOR | SEXO | IDADE | AREA DE ATUAÇÃO | AREA DE FORMAÇÃO | ESCOLARIDADE | EXPERIENCIA COMO INSTRUTOR |
|-----------|-----------|-------|---------------------|-------------------------------|--------------------------|----------------------------|
| A | MASCULINO | 34 | Instrutor de LIBRAS | CURSO BASICO DE LIBRAS | ENS. MEDIO COMPLETO | 3 ANOS |
| B | MASCULINO | 25 | Instrutor de LIBRAS | PEDAGOGIA | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 2 ANOS |
| C | MASCULINO | 61 | Instrutor de LIBRAS | CURSO INTERMEDIARIO DE LIBRAS | POS GRADUADO | 2 ANOS |
| D | MASCULINO | 20 | Instrutor de LIBRAS | TEC. ANALISES CLINICA | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 8 ANOS |
| E | FEMENINO | 41 | Instrutor de LIBRAS | LETRAS PORTUGUES | PÓS GRADUADA | 2 ANOS |
| F | FEMENINO | 33 | Instrutor de LIBRAS | PEDAGOGIA | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 2 ANOS |
| G | FEMENINO | 25 | Instrutor de LIBRAS | PROLIBRAS 2008 | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 9 ANOS |
| H | FEMENINO | 31 | Instrutor de LIBRAS | BIOLOGIA | ENS. SUPERIOR COMPLETO | 3 ANOS |
| I | FEMENINO | 23 | Instrutor de LIBRAS | BIOLOGIA | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 1 ANO |
| J | FEMENINO | 38 | Instrutor de LIBRAS | PEDAGOGIA | ENS. SUPERIOR COMPLETO | 1 ANO |
| K | FEMENINO | 25 | Instrutor de LIBRAS | LIBRAS | ENS. SUPERIOR COMPLETO | 1 ANO |
| L | FEMENINO | 46 | Instrutor de LIBRAS | LETRAS PORTUGUES | ENS. SUPERIOR COMPLETO | 1 ANO |
| M | FEMENINO | 31 | Instrutor de LIBRAS | PEDAGOGIA | ENS. SUPERIOR INCOMPLETO | 4 ANOS |
| N | FEMENINO | 25 | Instrutor de LIBRAS | LETRAS PORTUGUES | ENS. SUPERIOR COMPLETO | 1 ANO |

| | | | | | | |
|---|----------|----|---------------------|--------------|---------------------|-------|
| O | FEMENINO | 22 | Instrutor de LIBRAS | CURSO BASICO | ENS. MEDIO COMPLETO | 1 ANO |
|---|----------|----|---------------------|--------------|---------------------|-------|

Fonte: Banco de dados Pesquisadores, Parnaíba, 2015.

TABELA 3: PERFIL SÓCIODEMÓGRAFICO DAS ESTUDANTES

| ESTUDANTES | SEXO | IDADE | SERIE |
|------------|----------|---------|--------|
| A | FEMENINO | 13 ANOS | 7º ANO |
| B | FAMENINO | 15 ANOS | 8 ANO |

Fonte: Banco de dados Pesquisadores, Parnaíba, 2015.

7 Dificuldades frente à inclusão do aluno surdo

Essa categoria objetiva compreender as dificuldades dos professores diante de alunos surdos e a dificuldade dos instrutores de LIBRAS para o uso da língua durante as aulas. Diante da pergunta feita sobre o assunto, obteve-se as seguintes respostas:

“Sim, tenho dificuldades nas aulas teóricas, pois não tenho conhecimento de libras”
(Professora F, 32 anos, 12 anos de docência)

“Sim, amigos um pouco, professor só falar, falar, falar, não saber nada LIBRAS”.
(Estudante B, 14 anos, 7º ano)

Diante das falas pôde-se perceber a grande dificuldade dos professores em ministrar aulas para as alunas surdas, pelo fato de não terem formação em LIBRAS e nem conhecimentos na área.

8 Metodologias educacionais e recursos didáticos

Essa questão tem como meta, identificar os métodos do professor junto ao aluno surdo e se o mesmo utiliza atividades e recursos em LIBRAS e como o instrutor desenvolve sua prática.

“Dando mais atenção e orientando pelo livro e até mesmos os amigos que tem mais convivência e compreende mais a sua linguagem”. (Professora D, 53 anos, 28 anos de docência)

“Somente o oral e ela mesma tenta me ensinar e a gente tenta se entender”.
(Professora A, 39 anos, 18 anos de docência)

Os professores, pelas respostas obtidas, não têm meios concretos para atender aos alunos surdos nem treinamento para tanto. Já o instrutor busca dos recursos que pode, para atender a todos, como o observado abaixo.

“Atividades dinâmicas onde todos os presentes em sala posam atuar, como músicas em LIBRAS, conversação, dinâmicas, trabalhos com figuras, filmes e etc”. (Instrutor, 19 anos, 7 anos de atuação)

9 Objetivo e contribuições do profissional de Libras na Educação Inclusiva

Essa quarta categoria busca analisar o objetivo profissional do instrutor de LIBRAS e como contribui na formação dos alunos surdos, e a percepção do aluno quanto a este profissional. As respostas obtidas foram:

“Ensinar a língua materna dos surdos, a Língua Brasileira de Sinais desde o mais cedo possível. Sabemos que o desenvolvimento linguístico está relacionado ao desenvolvimento cognitivo, de modo que a LIBRAS é de vital importância para as crianças surdas”. (Instrutor C, 24 anos, 1 ano de atuação)

“O principal objetivo é desenvolver as aptidões dos alunos surdos, no que diz respeito ao aprendizado dos conteúdos interdisciplinares em sala de aula, como também ser ponte da comunicação com essa instituição”.
(Instrutor F, 40 anos, menos de um ano de atuação)

“Passado ano 2013 e 2014 intérprete ajudar muito, aluno aprender, entender. Hoje querer, querer muito intérprete ajudar entender”.
(Estudante A, 12 anos, 6º ano)

“Passado ajudar eu, aprender LIBRAS, pessoas Testemunhas de Jeová, ensinar LIBRAS, mostrar vídeo, reunião LIBRAS muito surdo, aprender LIBRAS sim, muito bom. Escola intérprete não, professor falar, falar, falar”.
(Estudante B, 14 anos, 7º ano)

Lacerda (2014) afirma: “O intérprete educacional tem uma tarefa importante no espaço escolar, seu papel e modos de atuação merecem ser mais bem compreendidos e refletidos”. O surdo sente a necessidade desse profissional, por conta

de ele ser o meio de interação no mundo ouvinte com o mundo surdo. E isso se confirma pelos relatos acima.

10 A interação pedagógica professor-instrutor-aluno

Essa categoria foi proposta a fim conhecer a relação estabelecida entre os sujeitos da pesquisa; professor, instrutor e aluno.

“Sim, professora de português ajudar entender assuntos, querer aprender LIBRAS, ensinar alunos surdo[...] Passado 2013 e 2014 intérprete ajudar muito, hoje querer muito intérprete ensinar surda”. (Estudante A, 12 anos, 6º ano)

“Bom, mais não sabem, professor ajudar não. Surdo querer sim, ajudar surda aprender LIBRAS [...]Passado ajudar Testemunhas de Jeová ajudar surda aprender LIBRAS, professor ter não”. (Estudante B, 14 anos, 7º ano)

Nota-se, portanto, de acordo com o exposto acima, que o trabalho dos dois profissionais centrais da inclusão dessas crianças deve ser conciliado, de modo que cada um exerça seu papel e ajudem-se em busca de êxito; o professor, com seu conteúdo e o instrutor, fomentando meios de ensino favoráveis a aprendizagem.

11 Considerações finais

Esta pesquisa se propôs a caracterizar a interação pedagógica entre o instrutor de Libras e o professor na inclusão de alunos surdos em sala de aula. Foi descrito, então, a prática pedagógica do instrutor de Libras frente aos alunos surdos, como também identificar o perfil de relação construída em sala de aula entre o pedagogo e as crianças surdas, e a verificação das ações educativas em sala de aula que constroem a interação pedagógica entre professor-instrutor-aluno.

Pode-se perceber a interação que se dá entre os profissionais e os alunos, as dificuldades frente à inclusão, metodologias e recursos didáticos utilizados, e a

formação enquanto educador inclusivo, assim como as contribuições do profissional de LIBRAS no espaço escolar e as relações estabelecidas que convergem ao aluno.

Notou-se que o professor deixa então de ser uma ponte de ligação entre aluno surdo e conhecimento e torna-se uma ferramenta falha. Estabelece-se o pacto da mediocridade, onde docente fingi que está ensinando e incluindo, e o aluno acaba lesado, pois não há ações que façam com que as discentes se desenvolvam.

Deve-se apontar a importância do reconhecimento desses alunos, fazê-los sentir-se parte do processo de aprendizagem, estreitar laços com os mesmos, criar aberturas afetivas de maneira que facilite a aproximação tanto do professor quanto do instrutor. Assim, a prática fluirá de maneira mais fácil e agradável, enfatizando que o instrutor deve ser o meio de ligação entre alunos e professores, e que ele não deve desenvolver a função de professor, porém deve transmitir os conteúdos de forma pedagógica, instruir-se para isso, estudar e estar preparado. Nesse foco, professor e instrutor devem unir forças tendo como foco o aprendizado do aluno.

Diante do exposto nota-se a grande necessidade de uma formação e preparação dos docentes ao receber estes alunos surdos em sala de aula, e também de espaço a novas pesquisas, pois ainda se nota um número pequeno de estudos na área.

Referências

BRASIL, **Lei n. 12.319**, de 01 de setembro de 2010. Disponível em: <>. Acesso em 26.10.2012, <http://www.planalto.gov.br/ccivil>

_____. **Atendimento educacional especializado**: pessoa com surdez. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

DORZIAT, Ana. **Democracia na escola**: bases para igualdade de condições surdos-ouvintes. **Revista Espaço**. Rio de Janeiro: INES. N° 9, p.24-29, jan./jun.1998.

FERREIRA, Windyz B. Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? **Inclusão**: revista da educação especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

GOLDEFELD, Márcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. 2. ed. – São Paulo: Plexus, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 4 ed. Campinas, SP: Alínea, 2007.

LACERDA, Cristina B. F. de. **O Intérprete de Língua Brasileira de Sinais:** investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Fev.2008. Disponível Em:
<http://www.ppgees.ufscar.br/LACERDA%202008%20Interprete%20de%20Libras.pdf>. Acesso em 04/11/2012.

_____. Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental/ Cristina B. F. Lacerda. – 6. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.